

2

O *acting out* freudiano

E desde então eu canto a dor que eu não
soube chorar.

Chico Buarque

A clínica psicanalítica é calcada em um saber prático onde o ato de escutar é fundamental. No entanto o ato de escutar não é simples. A escuta cobre não só as palavras, mas abarca também os limites que a própria palavra impõe ao sujeito falante, que por sua vez, apresenta-se como uma interrupção da cadeia associativa. É justamente neste limite da associação livre de palavras e pensamentos que surge o ato. Por esta razão, dentre os vários impasses que as mais diversas situações clínicas impõem ao trabalho analítico, o maior impasse assinalado por Freud encontra-se no campo dos atos, no limite da palavra. É também neste campo que encontramos estofo teórico para pensar a questão da impulsividade.

A problemática dicotomia entre ato e fala tem sido alvo de críticas no meio psicanalítico. Pode se encontrar no contexto contemporâneo uma “tendência a julgar que na psicanálise as elaborações, a simbolização, a produção de sentido não cedem vez à questão da ação, ajudando a perpetuar a antiga dicotomia pensamento versus ação.” (Barros, 2005, p.67-68.).

Para a psicanálise o que constitui o ato é “sua dimensão significante” (Lacan, 1967/68, lição de 22 de novembro de 1967). Este pressuposto psicanalítico indica que o ato pode ser escutado, e por este motivo o sujeito é responsável não só pelo que fala mas também pelo que faz.

Como já foi dito, investigaremos dois dos principais impasses clínicos promovidos no campo do ato, são lidos como impasses na medida em que o trabalho psicanalítico implica na responsabilização do sujeito pelos seus atos, ainda quando estes lhe pareçam totalmente avassaladores e impulsivos. O *acting out* e a passagem ao ato são manifestações caracterizadas por uma propensão a agir cuja motivação permanece inconsciente, e que às vezes parece ignorar o princípio do prazer. Neste capítulo percorreremos o conceito de ato falho formulado por Freud em 1901; passando pelo conceito de transferência, que tem estreitas relações com o conceito de *acting out*.

2.1 O ato falho

É possível localizar na obra freudiana desde 1898, três anos antes do livro sobre os atos falhos, os contornos deste conceito. Na “carta 94” (Freud, 1898/1996), Freud escreve a Fliess sobre seu interesse e seu questionamento acerca da questão do esquecimento e da troca de palavras. Nesta carta, Freud relata uma ocasião onde não conseguia lembrar o sobrenome do poeta Julien Mosen. Na sequência, vários nomes lhe vieram à consciência no lugar do sobrenome do poeta, no entanto o verdadeiro nome permanecia esquecido. A conclusão de Freud é que o nome “Mosen” havia sofrido recalçamento em função de algum material infantil, e os “falsos” nomes que surgiram no lugar de “Mosen” tinham a função de um sintoma. A partir da idéia contida nesta carta a Fliess, de que as alterações do ato de lembrar dependem da força do recalque, Freud propõe o termo “lembranças encobridoras”. Estas são lembranças que realçam detalhes irrelevantes mas que funcionam como representantes de outros elementos importantes para o sujeito que foram suprimidos. Essas lembranças falsas, tais como os sintomas, denunciam algo do conteúdo recalçado.

Freud desde então se mostra cada vez mais determinado a subverter as ideias científicas dominantes da época que, apesar de tratar os erros e lapsos cotidianos como fenômenos carentes de sentido e de importância, não deixavam de lhes atribuir uma causa científica. Tais fenômenos eram explicados como transtornos na finalização de atos intencionados pela consciência, cuja etiologia seria de ordem fisiológica. Neste caso, a fadiga, a excitação ou a preocupação ocasionavam um distúrbio da atenção que seria a causa da interferência nas ações intencionadas. Freud nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (1916-1917[1915-1917]/1996) diz que a proposta da psicanálise não é contrariar os pressupostos científicos, mas acrescentar algo a eles. Segundo ele, o cansaço ou a excitação são facilitadores dos lapsos, mas não são condições nem explicações para os mesmos.

Freud ainda nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (1916-1917 [1915-1917]/1996) parte de sua pesquisa publicada em 1901, “Psicopatologia da vida cotidiana” onde estuda estes fenômenos comuns a todos, até então tratados como triviais, com o objetivo de alargar o campo da psicanálise mostrando que os

efeitos de inconsciente não se limitam aos quadros patológicos, mas que fazem parte do cotidiano de todos nós . Ele diz a sua platéia de médicos não analistas: “Não subestimemos os pequenos indícios; com sua ajuda podemos obter êxito ao seguirmos a pista de algo maior” (Freud, 1916-1917[1915-1917]/ 1996, p.37).

Esse movimento já estava presente no texto de 1900 “A interpretação dos sonhos”, no qual Freud busca indícios na vida onírica que lhe permitam afirmar sua tese de que o material recalcado exerce seus efeitos. Todos os fenômenos cotidianos tais como os sonhos, os lapsos e os esquecimentos são regidos pelas leis do inconsciente a condensação e o deslocamento, as mesmas que fazem parte da formação do sintoma neurótico.

A condensação é um ponto de encontro de idéias que possuem uma analogia entre si, ao passo que o deslocamento é responsável pelo deslizamento de um significante a outro. Tanto a condensação quanto o deslocamento são meios pelos quais o material recalcado, alvo da censura, se utiliza para retornar de forma distorcida. Assim, a fórmula freudiana de que o sonho é uma realização de desejo é a principal ideia deste livro. Neste contexto, o desejo recalcado, que não pode ser lembrado, não deixa de operar na vida onírica do sujeito.

Em “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901/1996) Freud visava à divulgação da psicanálise ao público não analista. Nas suas conferências de 1915 essa intenção fica clara, uma vez que ele escolhe essa obra para introduzir o ensinamento da psicanálise. Freud atingiu plenamente seu objetivo, uma vez que o conteúdo do livro diz respeito ao cotidiano de todos, além de ser redigido em uma linguagem popular e não abordar densas articulações metapsicológicas.

Freud aprofunda-se na questão do ato de lembrar baseando-se em situações cotidianas durante o período de vigília do sujeito. Grande parte dos exemplos apresentados neste trabalho é fruto da análise pessoal do próprio autor. Dessa forma, Freud valoriza o conceito de inconsciente, estendendo-o a todos os sujeitos, doentes psíquicos ou não. Certas manifestações normais do cotidiano passam a ser concebidas como manifestações do inconsciente que revelam algo da ordem de um desejo recalcado.

Este trabalho freudiano busca validar a tese de que o sujeito é determinado por algo que lhe escapa. Cotidianamente o material inconsciente se manifesta à revelia da vontade consciente do sujeito, e muitas vezes produzindo efeitos contrários ao que se pretendia fazer.

Freud trata das perturbações da memória, da linguagem e da ação, e de atos falhos combinados. Todas os diversos tipos de lapso são reunidos pelo autor sob o nome de “atos falhos”. São atos que falham de acordo com a intenção do sujeito, mas por outro lado são atos bem sucedidos no propósito de fazer o desejo inconsciente vir á tona.

Freud começa o texto com um exemplo pessoal visando à confirmação de que um ato falho não é de forma alguma aleatório. Ele relata uma viagem de trem onde viajava na companhia de um estranho com quem conversava sobre vários assuntos. No momento em que a conversa voltou-se para o tema de viagens pela Itália, Freud intencionava perguntar ao companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto e se vira os afrescos famosos pintados por Signorelli na Catedral. No entanto, tal nome, por mais familiar que lhe fosse, não viera a sua lembrança. No lugar do nome “Signorelli” surgiam outros nomes como “Botticelli” e “Boltraffio”. Freud considera que este foi um caso de “perturbação do novo tema emergente pelo tema que o antecedeu” (Freud, 1901/ 1996, p.20).

O assunto que anteceder a conversa sobre as viagens a Itália, fora a respeito dos costumes dos turcos que viviam na Bósnia e na Herzegovina. Eles conversaram sobre o costume dos turcos de depositar grande confiança na figura do médico, demonstrando forte descrença no destino. Freud lembra que, neste momento, pensou no tema da sexualidade, no entanto não compartilhou desse pensamento pois não queria tocar nesse assunto com um estranho. Ele lembrara que os turcos conferem um grande valor ao gozo sexual, já que ouvira de um médico que um de seus pacientes, desta região, dizia preferir morrer do que viver impotente sexualmente.

Os temas da morte e da sexualidade o levaram a lembrar de um paciente que havia se suicidado devido a um “distúrbio sexual incurável” (Freud, 1901/ 1996, p.21). Freud relata que esse acontecimento e tudo o que se relacionava a ele não lhe vieram à lembrança durante a viagem; no entanto ele supõe: “Essa reminiscência, apesar de minha atenção ter sido deliberadamente desviada disso, passou a atuar em mim na época da conversa” (Freud, 1901/1996, p.21).

“A aversão ao recordar dirigia-se contra um dos conteúdos; a incapacidade de lembrar surgiu no outro” (Freud, 1901/1996, p.21-22). O esquecimento do nome e o surgimento dos nomes substitutos que vieram à lembrança de Freud não foram aleatórios, mas motivados pela força do recalque

de um pensamento. Este não precisa ser lembrado para exercer seus efeitos.

Dentre as diversas formas que um ato falho apresenta, Freud destaca os atos falhos combinados porque eles, além de denunciarem um sentido como qualquer outro lapso, seja de escrita, de fala ou de esquecimento, comportam uma persistência no erro que praticamente equivale a confessar sua real intenção, que de forma compulsória tenta atingir seu propósito.

Como exemplo desse tipo de ato falho Freud relata o esquecimento repetido vivido por Ernest Jones. Ele intencionava enviar uma carta, mas por motivos desconhecidos a deixara por vários dias em sua escrivaninha. Quando decide enviá-la ao correio ela retorna porque ele havia esquecido de escrever o endereço. Ele tenta mais uma vez enviá-la, mas chegando ao correio percebe que não tinha selo. Dessa forma ele foi obrigado a admitir sua relutância em enviar a tal carta.

Neste momento de sua trajetória teórica Freud privilegia o recalque e a formação de compromisso. No entanto, de acordo com esse tipo de ato falho onde o sujeito conhece a sua motivação para o erro mas mesmo assim não deixa de repetir- podemos observar que não é só o material recalçado que motiva o ato falho, mas a própria vontade contrariada. Sobre a relação vontade e ato falho Rudge afirma: “O que está em questão nos atos falhos é algo análogo à vontade, um impulso para um ato, mas que surpreende o sujeito porque não corresponde a uma decisão consciente” (Rudge, 1999, p.128). Assim, a motivação do ato falho pode ou não ser inconsciente. A característica principal do ato falho é a impulsividade com que ele se coloca ignorando a vontade consciente do sujeito.

Destacaremos os capítulos VIII e IX, onde Freud apresenta o ato falho expresso em termos de uma perturbação da ação, que como veremos mais adiante se aproxima do conceito de *acting out*. Freud classifica as perturbações da ação em dois tipos, não deixando de advertir que é impossível localizar uma fronteira nítida entre elas. Os dois tipos de perturbações da ação são: os “equivocos na ação ou atos descuidados” e “atos sintomáticos e acidentais”. Quanto aos equivocos da ação em geral Freud escreve:

Essas manifestações motoras, às quais a consciência dá pouco valor ou ignora por completo, servem assim para expressar uma ampla variedade de moções inconscientes ou contidas; em sua maioria, são representações simbólicas de fantasias ou desejos (Freud, 1901/ 1996, p.269-270).

Os “equivocos na ação ou atos descuidados” são os casos onde o sujeito, ao cometer um ato diferente do que era intencionado, o cobre de explicações, atribuindo a ação cometida a um descuido, a uma falta de atenção. São exemplos desse tipo de ação o uso inadequado de uma chave na porta, a quebra accidental de objetos ou ferimentos auto infligidos. Tais situações revelam algo que é censurado pelo sujeito, e que ele expressa sem saber.

Os “atos sintomáticos e casuais” são atos mais obscuros do que os citados acima devido a seu caráter casual que não se acompanha de perplexidade e dispensa explicações e desculpas conscientes. Como exemplos desse tipo de ato, Freud relata os casos de perdas de objetos e as pequenas manias como retorcer a barba, brincar com as moedas do bolso entre outros. Tais atos podem ocorrer habitualmente, regularmente ou até esporadicamente. Freud relata que durante uma viagem conhece um casal que o convida para jantar. Quando ele chega no jantar vê as coisas do rapaz na cadeira em que ele deveria sentar. Ele entende que o casal queria privacidade e tal ato foi uma maneira de dizer o que a censura não lhes permitira. No entanto essa forma alternativa de dizer algo é vista por Freud como correlato a um sintoma.

Os atos sintomáticos expressam algo de que o próprio agente não suspeita neles e que, em regra geral, não pretende comunicar, e sim guardar para si. Assim, exatamente como todos os outros fenômenos que consideramos até agora, desempenham o papel de sintomas (Freud, 1901/1996, p.193).

A afirmação principal de Freud acerca dos atos falhos é que eles possuem um sentido próprio que é singular a cada sujeito e a cada circunstância. O autor defende o determinismo do inconsciente, deslocando a noção do “eu como senhor de suas decisões e sentidos de seus atos, ainda que se reconheça a possibilidade de cometer erros de cálculo e a intervenção do acaso naqueles atos supostamente significantes” (Barros, 2005, p.72).

A intenção perturbadora age em diferentes graus de latência podendo forjar um ato falho evidente, ou seja, com um sentido óbvio ou a intenção perturbadora pode surgir apenas distorcendo uma intenção consciente. É o caso das trocas de chaves mencionado no livro. Quando um sujeito tenta abrir a porta de um lugar qualquer com suas chaves de casa o sentido dessa ação equivocada

não é claro. É preciso questionar o sujeito para, através de suas associações, encontrar o sentido do lapso que tanto pode significar o desejo de estar em casa, em vez de entrando neste lugar, como o sentimento de sentir-se em casa neste lugar, por exemplo. Só as associações permitem apreender o sentido do ato falho.

Outro ponto fundamental para a definição de ato falho é que este surge devido à interferência da ação conflituosa entre duas intenções. Dessa forma há ao mesmo tempo uma intenção que é perturbada e uma intenção perturbadora. No entanto Freud diz que as duas intenções não necessariamente são opostas com relação aos conteúdos. Há um conflito de origem topográfica que não necessariamente diz respeito ao conteúdo significativo.

Barros (2005) faz uma leitura da obra freudiana atentando para três formas diferentes em que a intenção consciente e latente podem se relacionar. A primeira forma de relacionamento entre as duas intenções é de oposição entre os sentidos, ou seja, quando uma intenção latente expressa o oposto de uma intenção consciente. É o caso do deputado que anuncia o fechamento da sessão legislativa ao invés de anunciar a sua abertura. Um outro resultado advindo da relação entre as intenções é a produção de um novo sentido através de acréscimos e correções. Neste caso Barros (2005) lembra de um chiste produzido por Freud onde ele diz “Tête-à-bête”. Dessa forma ele diz que teve uma conversa com uma pessoa sem deixar de emitir sua opinião sobre a mesma. Finalmente a terceira forma de relação entre as intenções ocorre quando não há uma relação direta entre a ação perturbada e a ação perturbadora. Este é o caso relatado por Freud, já descrito sobre seu esquecimento do nome “Signorelli”. Como vimos, este lapso foi explicado por uma série de associações que o antecederam.

Através do conceito de ato falho a psicanálise apresenta-se ao mundo. Freud engloba os equívocos da fala, da escrita, do esquecimento e lembrança, e até os erros, neste conceito. Equipara o ato falho ao sintoma, o que permite a aproximação entre o normal e o neurótico. Tanto o sintoma quanto o ato falho apresentam-se como substitutos obscuros e distorcidos pela censura de um desejo inconsciente recalado que retorna de forma impulsiva.

Em ambos os casos se encontram condensações e formações de compromisso (contaminações), a situação é a mesma: por caminhos incomuns e através de associações externas, os pensamentos inconscientes expressam-se como modificação de outros pensamentos (Freud, 1901/1996, p.271).

O autor completa a comparação entre sintoma e ato falho destacando que os sintomas psiconeuróticos “repetem em seu mecanismo todas as características essenciais desse modo de trabalhar” (Freud, 1901/1996, p.272). Tal articulação permite a formulação de que “a fronteira entre a norma e a anormalidade nervosa é fluida e que todos somos um pouco neurótico”(Freud, 1901/1996, p.272).

Nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (1916-1917 [1915-1917]/1996), Freud retoma o tema do ato falho para introduzir suas idéias psicanalíticas ao público médico afirmando que o ato falho “é o primeiro produto da psicanálise (...) Ampliamos consideravelmente o mundo dos fenômenos psíquicos e conquistamos para a psicologia fenômenos que anteriormente não eram nela incluídos” (Freud, 1916-1917[1915-1917] /1996, p.67).

Nestas conferências, Freud retifica sua noção acerca do “ato causal ou sintomático”. No texto de 1901 ele não faz distinções entre o ato sintomático e o ato falho, no entanto nas conferências de 1915 ele os diferencia e demarca a particularidade dos atos sintomáticos.

Existem inúmeros outros fenômenos muito semelhantes aos atos falhos: para eles, porém esse nome não mais se ajusta. Nós os denominamos ações casuais ou ações sintomáticas. Estas possuem igualmente a peculiaridade de não ter motivos, serem insignificantes e não importantes; contudo têm um acréscimo, explicitamente: o de serem desnecessárias (Freud, 1916-1917[1915-1917]/1996, p.68).

Freud quer dizer que os atos sintomáticos surgem por conta própria sem estarem referidos a um conflito entre intenções. Certos tiques e manias se impõem ao sujeito quase que compulsoriamente mas, diferentemente do ato falho, não prejudicam ou interferem com uma outra intenção consciente. No entanto, o ato sintomático não deixa de ser interpretável e determinado pelo inconsciente.

As idéias defendidas por Freud acerca da noção do ato falho são sublinhadas por Lacan sobretudo no seminário XV (1967/68). Neste seminário Lacan é enfático ao afirmar que o maior legado de Freud sobre os atos falhos é revelar que eles são interpretáveis e, assim como qualquer ato, caracterizam-se pela sua dimensão significante.

De acordo com Lacan: “Foi no campo analítico, a saber, a propósito do ato falho, que surgiu que justamente um ato que se apresenta como falho seja um ato,

e unicamente pelo fato de que é significante” (Lacan, 1967/68, lição de 10/01/68). Nesta perspectiva, a partir do ato falho, o autor privilegia o caráter constitutivamente falho do ato. Esse caráter falho se dá devido à dimensão significante que, por sua vez, implica em uma alienação à cadeia significante e consequentemente em uma perda. Essa perda confere um caráter falho aos atos, podendo advertir o sujeito para o inconsciente.

No campo da psicanálise o ato não equivale a uma ação, nem a uma descarga motora, mas “os atos são constituídos pela dimensão significante, orientados por coordenadas simbólicas da linguagem” (Lacan, lição de 22 de novembro de 1967). Em última instância o ato é uma intervenção significante. Sendo assim, o ato diz algo.

O ato uma vez no campo significante, não possui um sentido originário; seu sentido (como de qualquer significante) é construído sempre *a posteriori*. A articulação entre significante e ato abre a possibilidade de entrever uma outra verdade além da intenção que moveu o próprio ato. De acordo com Rudge, “para que um vínculo entre o ato e o sujeito se estabeleça, é necessário o trabalho psíquico levando à elaboração de uma representação *a posteriori*” (Rudge, 1998, p.129). Dessa forma o sujeito se implica no seu ato.

Podemos concluir que a teorização dos atos falhos traz inúmeros desdobramentos para a teoria psicanalítica. As principais considerações acerca de tal conceito são, inicialmente, o reconhecimento da força do inconsciente em convocar o corpo à revelia da vontade consciente do sujeito, e, ainda, a constatação de que um ato é interpretável; portanto situado no campo da linguagem.

Uma vez situado no campo da linguagem, o ato também é uma forma de fala. Freud aponta que o sujeito recorre ao ato quando ele se vê situado no limite da rememoração. O que não é expresso em palavras é expresso via ação. O sujeito depende da elaboração, isto é, ele precisa ligar os eventos vividos aos pensamentos para advir uma lembrança. O que não é elaborado psiquicamente retorna através do ato.

2.2 A noção freudiana de trauma

Freud elabora o traumático como o retorno de algum material que não pôde ser absorvido, elaborado psiquicamente pelo sujeito no momento de uma ação traumática. “Constatamos invariavelmente que se recalcam lembranças que só se tornaram traumáticas por ação retardada” (Freud, 1985/1996, p.410), escreve ele. Freud afirma que algo referente ao sexual retorna a partir de traços de memórias, e nesse retorno surge o trauma.

Freud trabalha a questão do trauma em dois momentos durante a sua obra, de formas distintas. Até 1897, o trauma é articulado a uma teoria da sedução. A teoria da sedução baseava a gênese da neurose na realidade factual, em uma violência do adulto com uma criança que teria de fato ocorrido. Freud buscava encontrar na história da infância do paciente as primeiras cenas caracterizadas pela posição passiva de uma criança diante uma sedução sexual de um adulto.

Em 1895, no texto *Projeto para uma psicologia científica*, Freud descreve um caso clínico no qual aposta ainda no trauma como fato ocorrido. Trata-se do caso de Emma, uma jovem que sofria de uma fobia de entrar em lojas. No começo do tratamento, ela apresentou a lembrança de, aos 12 anos de idade, ter entrado em uma loja, onde se deparou com dois homens rindo de sua roupa. Tomou um susto diante da situação e saiu correndo loja afora. Emma, em seu relato a Freud, ressalta ainda que um dos homens havia despertado um interesse sexual de sua parte.

Ao longo do tratamento, Emma revela uma segunda lembrança de quando tinha 8 anos de idade. Nessa idade foi sozinha comprar doces em uma confeitaria, na qual foi vítima de bolinação pelo proprietário. Apesar dessa experiência, ela lembra que retornou uma vez à tal confeitaria, o que no momento atual é um motivo sério de recriminação pela própria Emma.

Freud analisa que o trauma não ocorreu aos 8 anos de idade, mas na articulação das duas cenas. O "riso" foi o vínculo associativo entre as duas cenas. O riso dos vendedores a fez lembrar do riso do proprietário da confeitaria, e foi nesse momento de associação que o trauma surgiu. Foi a partir do retorno de um material não elaborado aos 8 anos de idade pelo fato recente que fez emergir o trauma aos 12 anos.

Freud explica que a emergência do trauma só seria possível após a fase da puberdade, que é a fase onde os indivíduos reconhecem suas sensações sexuais; o sujeito em fase anterior não pode reagir eroticamente ao estímulo sexual recebido. A cena da sedução vivida por uma criança só é compreendida e recalçada a partir da puberdade, quando a criança se torna um ser sexualmente desenvolvido. Aos 12 anos, Emma resignifica o que vivenciou aos 8, quando não pôde elaborar o afeto sentido, dando um significado sexual à cena. A conclusão é que o trauma se dá *a posteriori* produzindo o sintoma. É "só depois" do acontecimento que o sujeito pode reconhecê-lo como trauma, e fazer algo com isso, ou seja, recalcar ou elaborar psiquicamente.

Após escrever este caso clínico no ano de 1897, Freud, escreve a *carta 69* dirigida a Fliess. Nesta carta ele põe em dúvida a realidade factual do trauma. O autor estranha a frequência das queixas de abuso sexual infantil por parte dos seus pacientes, e questiona se todos os pais seriam perversos, inclusive o dele.

“Não acredito mais na minha neurótica”(1897/1996, p.309), é a famosa frase de Freud que inaugura a dimensão da fantasia na trama neurótica. Freud afirma que “no inconsciente não há indicações da realidade”(1897/1996, p.310). Na medida em que algo ficcional, da ordem da fantasia, é investido com uma carga de afeto, passa por realidade. Ou seja, as realidades factual e ficcional se confundem. Portanto, a realidade do trauma também é psíquica, ou seja, reporta-se à fantasia. A partir deste momento teórico, a realidade factual passa a ser um fator contingente para a configuração do trauma.

A realidade que interessa a psicanálise é, sobretudo, a realidade da fantasia, portanto é só falando sobre ela que algo pode ser resignificado. O trauma, aparentemente, perde importância na teoria. Inicialmente, Freud trabalhava com o objetivo de transformar processos que eram inconscientes em conscientes, ou seja preencher as lacunas da memória a fim de resgatar algo que foi esquecido. Já com a associação livre, ele convoca o sujeito a tomar a palavra e dessa forma ser o autor da sua própria história de vida. Mais do que lembrar, o importante na nova técnica é elaborar, ou seja ligar as experiências e vivências a pensamentos e ideias do presente.

Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud retorna e avança no seu estudo sobre o trauma, e o articula com o conceito de pulsão de morte. Sabemos que Freud sempre afirmou a tese de que o psiquismo é regido pelo princípio do

prazer, afirmando que o desprazer decorre de um aumento da quantidade de excitação de estímulos no psiquismo e o prazer, da diminuição destes. Em 1920, Freud vai relativizar, embora não abandonar esse princípio.

O excesso de estímulos é correlato do trauma em seu aspecto econômico. Este excesso rompe com o escudo protetor do psiquismo e tem início a repetição que visa uma inscrição, uma elaboração do ocorrido. Através da observação da brincadeira das crianças (*For-da*) e dos sonhos traumáticos, Freud busca uma melhor compreensão sobre a tentativa de inscrição de algo que irrompe no psiquismo.

Os sonhos traumáticos são tentativas do sujeito de “dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática.” de acordo com Freud. (Freud 1920/1996, p.42) Assim, tais sonhos buscam uma compreensão da situação traumática, que ora pegara o sujeito de surpresa.

Os sonhos traumáticos fazem Freud rever sua afirmação de que todo sonho é uma satisfação de desejo. Tais sonhos obedecem à compulsão a repetição que traz o paradoxo de operar tanto sob o princípio do prazer- a favor de uma elaboração- quanto em um para além do princípio do prazer.

O outro fenômeno observado por Freud foi a brincadeira "*Fort-da*", onde um menino lança sobre a cortina o seu carretel de madeira, fazendo o objeto desaparecer de sua visão, e em seguida com um pedaço de cordão que ele próprio havia amarrado em volta do carretel, o traz de volta para perto dele. Freud interpreta este movimento da criança como uma tentativa de elaborar uma situação traumática reproduzindo-a na brincadeira.

Este jogo de desaparecimento e retorno é uma tentativa da criança de, através da brincadeira, elaborar as saídas da mãe. Na brincadeira, a criança tenta vivenciar de forma ativa uma situação que foi vivida de forma passiva. O momento de júbilo era percebido na hora em que ela conseguia dominar a situação trazendo o carretel de volta. Assim como os sonhos traumáticos, a brincadeira do *Fort-da* diz respeito à repetição de uma situação sofrida que retorna para o sujeito por uma via diferente da palavra.

A repetição da situação traumática articulada à transferência também é retomada neste texto de 1920 por Freud. Um sujeito ao invés de dizer que se sente rejeitado pelos pais, atua esse sentimento de rejeição com a figura do analista.

Munido da concepção teórica da compulsão à repetição ligada à pulsão de morte, Freud desiste claramente da ideia de que a análise teria o objetivo de tornar consciente o que era inconsciente.

Freud formula que é impossível para o indivíduo recordar a totalidade do material recalcado por isso ele é obrigado a repeti-lo atuando (*agieren*) na transferência. Seria menos sofrido se tais situações emergissem como lembranças ao invés de “assumir a forma de novas experiências” (Freud,1920, p.32). “A despeito disso, são repetidas, sob pressão de uma compulsão” (IBID).

As manifestações de uma compulsão a repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico) apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio do prazer dão a aparência de alguma força ‘demoníaca em’ ação (Freud,1920/1996, p.46).

Freud articula as repetições de situações sofridas à tendência masoquista do eu. “Se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas em realidade, objetivos, o princípio do prazer é paralizado- é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga” (Freud, 1924/1996, p.177). O que ultrapassa o princípio do prazer é relacionado à própria satisfação pulsional.

Trata-se naturalmente da ação das pulsões, que devem conduzir para a satisfação; todavia, a experiência que, como das outras vezes, só trouxe desprazer não serve para nada. A despeito disso, são repetidas, sob a pressão de uma compulsão (Freud, 1920/1996, p.35).

A repetição é uma característica da pulsão. Segundo Rudge (1998): “O potencial traumático da pulsão deriva primariamente da distância entre o objeto que se encontra e o objeto buscado pela pulsão-objeto perdido que lhe deu seus contornos- incognoscíveis mas singulares- que caracterizam o ‘sujeito’ pulsional” (1998, p.39). A pulsão de morte remete ao real, que, por sua vez, não cessa de não se inscrever; assim a pulsão é responsável pelo desassossego, diferentemente do instinto que pode ser saciado. A pulsão é movimentada por algo obscuro, que não depende da vontade consciente. É importante destacar que impulso não é sinônimo de pulsão. De acordo com Freud (1915) a pulsão possui quatro características: o impulso, a fonte, o objeto e o alvo. Portanto o impulso é uma característica da pulsão.

Lacan afirma que “a pulsão não é impulso” (Lacan, 1964/1998, p.154), pelo fato de que ela não é pura tendência a descarga. Esta última o autor diz ser referida aos instintos e à necessidade. Lacan sublinha a importância da pulsão ser uma força constante, o que a difere radicalmente de qualquer instinto, que visa descarga.

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão, é se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante (Lacan, 1964/1998, p.157).

Após esta articulação entre trauma e impulso pulsional, recorreremos aos textos freudianos sobre as recomendações e advertências acerca da prática psicanalítica de acordo com a nova técnica, sobretudo os textos: “Recordar, repetir e elaborar” (1914), “A dinâmica da transferência” (1914) e “Observações sobre o amor transferencial” (1915); que são os primeiros textos em que Freud introduz a noção de *acting out* como um ato ligado diretamente à transferência.

2.3 O *agieren* e a transferência

A leitura desses textos freudianos testemunha a elaboração de Freud acerca do fenômeno da transferência. Esse novo conceito foi responsável por uma grande alteração teórica em relação à técnica psicanalítica. Freud, ao se deparar com o fenômeno da transferência em sua prática clínica, constata que a transferência é o motor de uma análise. No entanto, ela comporta um paradoxo, por também se revelar como uma das maiores formas de resistência ao próprio trabalho analítico.

No texto de 1912 “A dinâmica da transferência”, Freud compreende que a condução da vida afetiva de cada indivíduo depende de fatores inatos combinados com vivências infantis do mesmo. Isso quer dizer que cada sujeito, a partir de suas escolhas e experiências, adquire um modo singular de viver seus relacionamentos amorosos. Sendo assim, o sujeito é marcado por certas satisfações pulsionais que o levam a repetir ‘clichês’ durante a vida. O campo da transferência – que é o campo relacional entre o médico e o paciente- é o lugar onde a atualização de repetições amorosas primárias prevalece.

Através da transferência o analista é incluído nas ‘séries’ psíquicas do sujeito. (Freud,1912/1996, p.112). Desse modo, a relação do analisando com o analista é marcada por um investimento psíquico inconsciente que tem sua origem na infância. O analista ocupa um lugar que é estabelecido pelo analisando, geralmente um lugar parental, que diz respeito à sua fantasia.

Freud afirma que, ao mesmo tempo que surge como resistência ao tratamento, a transferência é condição para que haja análise. Segundo o autor, à medida que através da associação livre, o analisando se aproxima de algum material da ordem do recaiado que revelaria o sentido do sintoma, ele retira a libido investida na realidade e a recolhe para o inconsciente, “seu esconderijo”, passando a privilegiar o terreno da fantasia e não mais o da realidade. É o que Freud (1914) chamará mais tarde de introversão da libido.

Esse movimento impede a lembrança do que foi recaiado e a transfere para o presente na forma de uma repetição dirigida à figura do médico. A resistência é ligada à interrupção da associação livre, e à repetição da experiência, que por sua vez aponta para o recaiado. O autor anuncia que o único modo de superá-la é através da elaboração. Lacan corrobora a idéia de Freud, ao afirmar que a transferência traz uma dimensão de fechamento do inconsciente. A transferência coloca em ato o inconsciente, entretanto ela só o faz pelo viés de seu fechamento.

O inconsciente é formulado por Lacan na perspectiva de abertura e fechamento. Ele aparece como erro, tropeço. Os significados levam ao fechamento do inconsciente. A transferência traz o paradoxo de que ela é fechamento, e ao mesmo tempo ela é abertura e atualização do inconsciente. Assim, o sujeito -sujeito do inconsciente- está condenado a ser para sempre inapreensível. Ele sempre nos escapa. “Ora, esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um reachado, e mais ainda, sempre será prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda” (Lacan, 1964/1998, p.30).

A transferência, sendo um instrumento que permite a atualização do inconsciente, oscila entre uma abertura para o material inconsciente através da rememoração, e um fechamento para tal material, onde o analisando repete sem saber que o faz a favor do movimento de resistência. Essa dinâmica de fechamento e abertura que a transferência comporta traz a marca de um paradoxo que a torna o osso da psicanálise.

Não se deve discutir que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades, mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente (Freud 1912/1996, p.119).

Cabe ao analista, utilizando-se da transferência e da posição que esta lhe confere, isolar a repetição na transferência e possibilitar que o paciente possa passar de uma neurose comum a uma neurose de transferência, que abrirá campo para a intervenção por parte do analista

A transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção (Freud, 1912/1996, p.170.)

Sendo assim, o analista funciona como um objeto da fantasia do analisando. Essa é a razão que o leva a ser um suporte para a repetição, ou seja, a presença do analista aciona a revivência de escolhas objetais infantis e das fantasias ligadas a elas .

No texto de 1914 “Recordar, repetir e elaborar”, Freud aprofunda-se na discussão acerca desse caráter duplo da transferência. O aspecto de fechamento e resistência que a transferência comporta é alvo de sua inquietação.

Um grupo de pacientes não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou o atua (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (Freud, 1914/1996, p.165).

O autor começa o texto fazendo uma retrospectiva da antiga técnica psicanalítica: a hipnose. No início de sua elaboração teórica, Freud buscava através da hipnose, tornar conscientes os processos mentais que foram recalçados. Ao recordar e ab-reagir a uma representação recalçada, o paciente atingiria a descarga energética desfazendo-se o afeto estrangulado que, como um corpo estranho no psiquismo, era responsável pela manutenção do sintoma.

Neste texto, Freud compara a hipnose com um experimento de laboratório. Cria-se uma situação artificial, onde o paciente rememora através da sugestão do analista. No entanto, a lembrança não permite uma implicação no

sintoma; este por sua vez passa a sofrer deslocamentos, mudando sua forma de manifestação. Portanto o efeito da hipnose é efêmero.

Através da nova técnica psicanalítica -a associação livre-, o analista evoca a repetição, uma vez que a resistência está presente no discurso, e a regra fundamental da associação livre é dizer o que vem à mente. No entanto, é impossível rememorar todo o material recalcado, e, por essa razão, o sujeito repete.

Freud compreende que a rememoração esbarra em um limite –afinal, não é possível falar tudo-, assim a repetição surge como uma substituta da palavra e por isso deve ser encarada como uma forma de recordar. “Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (*acting out*) (repetição) substituirá o recordar” (Freud, 1914/1996, p.166). A resistência surge concomitantemente com a elaboração, e o paciente precisa de um tempo para superá-las. A elaboração é um trabalho do sujeito que depende da repetição de sua experiência. A colocação em ato do material inconsciente tem lugar no campo transferencial, e este é o meio possível pelo qual o sujeito pode vir a se implicar em seus próprios atos.

A constatação de que o paciente repete ao invés de lembrar aponta para a noção de repetição como algo separado do conceito de transferência, segundo Freud: “A transferência é ela própria apenas um fragmento da repetição e a repetição é uma transferência de um passado esquecido” (Freud, 1914/1996, p.169). Dessa forma transferência e repetição não são equivalentes; a repetição é um dos elementos do fenômeno da transferência.

Lacan em 1964, no seminário XI elabora as especificidades que a repetição comporta abrindo uma possibilidade de distingui-la da transferência. “A transferência é a atualização da realidade do inconsciente” (Lacan 1964/1998, p.142) diz o autor. Assim, a transferência diz respeito à realidade psíquica, realidade tecida pela fantasia construída em torno do que não é possível ser dito. A diferença fundamental entre a transferência e a repetição reside no aspecto de que a primeira está ligada a uma ficção, ao passo que a repetição denuncia algo referente a uma dimensão do irrepresentável. O que não se inscreve no psiquismo retorna configurando um obstáculo ao princípio do prazer.

Lacan toma emprestado de Aristóteles seus termos físicos: o *autômaton* e a *tiquê*; para ressaltar a particularidade que a repetição possui. O *autômaton* é entendido como retorno dos significantes, é a repetição dos símbolos. Em última

instância ele está ligado ao retorno do recalçado. A *tiquê* é o encontro com aquilo que é faltoso, encontro com o impossível de ser assimilado.

Nós a traduzimos por encontro com o real. O real está para além do automatôn, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do automatôn (Lacan, 1964/1998, p.56).

A repetição apresenta-se como um obstáculo ao princípio do prazer, exatamente por ser definida como o retorno daquilo que permanece idêntico por não possuir inscrição possível. “O real é aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar- a esse lugar onde o sujeito não o encontra (...) a repetição não é reprodução” (Lacan, 1964/1998, p.64).

É por isso que pus em relevo, no conceito desconhecido de repetição, esse recurso que é o do encontro sempre evitado, da chance falhada. A função do rater está no centro da repetição analítica. O encontro é sempre faltoso- é isso que constitui, do ponto de vista da *tiquê*, a vaidade da repetição, sua ocultação constitutiva (Lacan, 1964/1998, p.123).

O sujeito repete como por acaso, dando dicas em seus tropeços desse encontro com o impossível de se dizer. “A repetição aparece de forma que não é clara, que não é espontânea como uma reprodução, ou uma presentificação, em ato” (Lacan, 1964/1998, p.52), trazendo em si o impossível, ela admite algo de novo. Podemos concluir que a *tiquê* está ligada à impulsividade vinculada na repetição. O sujeito repete sem saber que o faz. Esse tipo de ação ligada à repetição foi descrita por Freud pelo termo alemão "*agieren*" e traduzida por Strachey pelo termo inglês "*acting out*", que significa demonstrar ou ilustrar por pantomima, palavras e gestos (Webster).

Em 1915 no texto “Observações sobre o amor transferencial”, Freud destaca a relação analista e analisando como perpassada pela repetição, e em especial pela repetição do amor. É o analista tomado como objeto de amor que permite o desenrolar de uma análise. O analisando se lança no jogo da transferência conferindo ao analista uma posição idealizada.

Para o autor, o amor de transferência é um amor genuíno - todo amor é uma repetição do amor infantil- que possui suas particularidades. Trata-se de um amor provocado pela situação analítica e intensificado pela resistência à

rememoração. De acordo com Freud, o analista deve acolher sem ceder, sem responder a essa convocação. O amor é direcionado ao lugar do analista e não aos encantos pessoais da pessoa que ocupa este lugar.

Se os avanços da paciente fossem retribuídos, isso constituiria grande triunfo para ela, mas uma derrota completa para o tratamento. Ela teria tido êxito em atuar (*acting out*), em repetir na vida real o que deveria apenas ter lembrado, reproduzido como material psíquico e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos (Freud, 1915/1996, p.183).

Freud enfatiza a importância do analista de não reprimir, nem responder a uma atuação dirigida a ele. “Tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum deles, é um caminho para o qual não existe modelo na vida real” (Freud, 1915/1996, p.183). O analista utiliza-se desse amor afim de abrir caminho para o saber inconsciente que se revela na transferência.

A transferência em sua dimensão de fechamento e repetição apresenta-se como uma forma de resistência, e está presente em qualquer tratamento psicanalítico. Sendo assim, faz parte do trabalho do analista lidar com as dificuldades em seu manejo. O analista aposta que o paciente possa recordar através da palavra, mesmo ciente de que esse processo é da ordem do impossível. Segundo Freud,

O paciente deve recordar a maneira antiga –reprodução no campo psíquico- é o objetivo a que adere, ainda que saiba que tal objetivo não pode ser atingido na nova técnica. Ele está preparado para uma luta perpétua com o paciente para manter na esfera psíquica todos os impulsos que este último gostaria de dirigir para a esfera motora; e comemora que algo que o paciente deseja descarregar em ação seja utilizado através do trabalho de recordar (Freud, 1914/1996, p.168).

A atuação em oposição à rememoração é a tendência do sujeito exposto a um tratamento analítico. Espera-se do trabalho de análise que o sujeito inverta a situação, reproduzindo o material recalcado no plano psíquico ao invés de atuá-lo no plano motor, mesmo sendo isso uma tarefa impossível como adverte Freud. O autor coloca em foco o lugar do analista ao afirmar que “o instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência.” (Freud, 1914/1996, p.169). Retomando as idéias já expostas no texto de 1912, Freud insiste que a neurose só

é passível de intervenção quando ela toma um “significado transferencial” (Freud, 1914/1996, p.169). De acordo com Rudge:

A transferência é como um palco onde pode ser encenada a repetição, assim como é o instrumento para lidar com a compulsão a repetição e mantê-la no plano psíquico. Freud chega a falar da transferência como o que põe os freios nas pulsões não domadas, que de outra forma se manifestariam em ações repetitivas (Rudge, 1998, p.67).

Somente através da substituição da neurose comum pela neurose transferencial é possível circunscrever a repetição, o que a permite trilhar outro destino diferente do destino da compulsão. Tais indicações freudianas nos conduzem ao questionamento sobre o manejo da transferência. No entanto nos ateremos à investigação freudiana acerca da motivação psíquica envolvida na repetição. Para tal analisaremos a relação entre pulsão e repetição com o objetivo de esclarecer suas relações com o *acting out* freudiano.

2.4 Repetição e pulsão

Diante do caráter de insistência com que se manifesta a repetição, Freud reconhece no aparelho psíquico,

A predominância de uma ‘compulsão a repetição’, procedente dos impulsos pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões- uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho (Freud, 1919/1996, p.256).

No texto de 1919, "O estranho", Freud examina as várias manifestações do sentimento de estranheza que, como podemos inferir a partir da citação acima, estão ligadas à própria pulsão. Aquilo que é estranho e que provoca medo e horror, é o ponto de partida de Freud para a articulação entre pulsão e repetição.

O autor, depois de uma longa análise do uso linguístico do termo "*unheimlich*", conclui que o estranho "é aquela categoria do assustador que remete

ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar" (Freud,1919/1996, p.238). O que causa estranheza não é precisamente o novo, mas algo que retorna, algo que é desconhecido mas que também é familiar; em última instância "*unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz" (Freud, 1919/1996, p.243).

Baseando-se nesta tese, Freud recorre à literatura para aprofundar a investigação dos efeitos disso que retorna causando estranheza. O autor privilegia o conto "O Homem de areia" de Hoffmann. Este conto trata da história de Nataniel. A história começa com lembranças da infância de Nataniel acerca de certas noites em que sua mãe o mandava dormir cedo, prevenindo-o de que "o homem de areia estava chegando" (Freud, 1919/1996, p.245). Em seguida, Nataniel ouvia os passos de uma visita que seu pai recebia toda noite em seu escritório. Ele indagava à mãe sobre a identidade do homem de areia, e ela sempre o respondia que se tratava de uma figura de linguagem, que o homem de areia não existia. No entanto, sua babá quando questionada lhe respondia que o Homem de areia era um homem perverso que cegava as crianças desobedientes que recusavam-se ir para a cama no horário certo.

Em uma determinada noite, Nataniel estava determinado em descobrir a aparência do Homem de areia; para isso se escondeu no escritório do pai a fim de flagrar o tal visitante. Foi quando o reconheceu como sendo o advogado Copélio. A história segue com a descoberta por Copélio de Nataniel no escritório, seguida de uma ameaça a ele de lançar brasas de fogo em seus olhos. No entanto, o pai de Nataniel interfere implorando para que Copélio o deixe a salvo. Depois desse episódio, Nataniel "cai em profundo desfalecimento; e uma longa enfermidade põe fim à sua experiência." (Freud,1919/1996, p.246). Um ano depois, após uma visita do advogado Copélio, seu pai é morto por uma explosão. Desde então Copélio desaparece.

Um tempo depois Nataniel, já estudante, reconhece "esse fantasma de horror da sua infância num oculista itinerante, um italiano chamado Giuseppe Coppola" (Freud, 1919/1996, p.246). Este anuncia vender "ótimos olhos" o que deixa Nataniel aterrorizado até descobrir que ele se referia a óculos de grau. Nataniel compra de Coppola um telescópio e passa a observar através dele a casa do professor Spalanzani, apaixonando-se pela estranha silenciosa e imóvel Olímpia, filha de Spalanzani. No entanto Olímpia é uma boneca feita por

Spalanzani cujos olhos foram feitos por Coppola, o Homem de areia. Nataniel presencia uma discussão entre os dois, quando vê o oculista levando embora Olímpia sem os olhos, enquanto Spalanzoni arremessa os olhos sangrentos de Olímpia ao peito de Nataniel. A partir disso

Nataniel sucumbe a um novo ataque de loucura e, no seu delírio, a recordação da morte do pai mistura-se a essa nova experiência. 'Apressa-te! Apressa-te! anel de fogo! grita ele. 'Gira anel de fogo-Hurrah! Apressa-te, boneca de pau! Linda boneca de pau, gira'- cai então sobre o professor, o 'pai' de Olímpia, e tenta estrangulá-lo (Freud, 1919/1996, p.247).

Depois de um certo tempo, Nataniel recupera-se e pretende casar-se com sua noiva. Certo dia os dois passeavam pela cidade e decidiram subir em uma torre da prefeitura. Lá do alto Nataniel observa através do telescópio de Coppola um objeto na rua que o leva novamente à loucura. Gritando novamente 'Gira boneca de pau', tenta jogar da torre sua noiva, que foi salva pelo irmão. Nataniel avistara a figura do advogado Copélio na rua. Durante seu ataque de loucura ele se lança sobre o parapeito jogando-se da torre, enquanto o homem de areia desaparece novamente.

Freud afirma que o sentimento de algo estranho é ligado a figura do homem de areia que significa a idéia de ter os olhos feridos e arrancados fora. A angústia em relação aos próprios olhos, como ensina o mito do Édipo rei, substitui o medo da castração. "O autocegamento do criminoso mítico, Édipo, era simplesmente uma forma atenuada do castigo da castração" (Freud, 1919/1996, p.249).

Dessa maneira Freud destaca a angústia de castração como condição para o sentimento ambíguo do estranho se manifestar. O tema do duplo é também discutido e remetido à sensação de estranheza. Seguindo Otto Rank, em seu trabalho sobre o duplo, Freud afirma que a "duplicação, a divisão e intercâmbio do eu" (Freud, 1919/1996, p.252) são formas de proteção do eu do medo da morte, em última instância do medo da castração, que por sua vez aponta para o desamparo do sujeito.

A atividade auto-observadora da consciência, que trata o eu como um objeto, rejeita algo reprovado pela censura que é projetado para fora como algo estranho. Dentro desta perspectiva do duplo, o estranho é considerado como o retorno da mesma coisa, que se apresenta na repetição dos mesmos traços

perpetuando um ciclo de repetições. Sendo assim, o estranho é provocado por algo de dentro do sujeito, que como sugere Freud, diz respeito à própria pulsão.

Diante dessas considerações acerca da repetição, Freud continua sua pesquisa sobre o tema em 1920 no texto “Além do princípio do prazer”. Desta vez ele questiona que motivação psíquica teria a repetição, ou seja, - a serviço do que se repete? As repetições prazerosas são explicadas pelo princípio do prazer que visa sempre o mínimo de tensão. No entanto as repetições de situações penosas e traumáticas vão claramente em desencontro com a produção de prazer. Dito de outra forma, “as relações entre a compulsão a repetição e o princípio do prazer são de antagonismo na verdade, a repetição como expressão da pulsão recalcada produz desprazer” (Rudge, 1998, p.29).

Freud considera as pulsões como representantes no aparelho anímico de forças advindas do corpo. Elas obedecem ao processo primário que por sua vez diz respeito à dimensão inconsciente. A ligação da energia corresponde ao processo secundário, o que, a partir de 1920, se faz necessário para que o princípio do prazer se estabeleça. Essa tarefa do aparelho mental que empreende a ligação, segundo o autor, é pré-condição para o funcionamento do psíquico dentro do princípio do prazer. A excitação pulsional que não é ligada provoca uma perturbação que contraria o princípio do prazer.

A repetição contida nos sonhos traumáticos e na transferência constitui a principal observação clínica que levou Freud à necessidade de elaborar um campo para além do princípio do prazer; tais manifestações sugerem “uma tendência da vida psíquica irreduzível às exigências do prazer e da autoconservação. Essas manifestações mais extremadas da compulsão a repetição sugeriram a Freud a concepção da pulsão de morte ”(Rudge, 1998, p.31).

A pulsão busca satisfação, mostrando ignorar o objetivo de produzir prazer. A insistência pulsional ou a compulsão à repetição é uma característica da própria pulsão que sempre visa à descarga sacrificando o próprio prazer. Essa face da pulsão denominada de pulsão de morte abre um campo onde a pulsão sexual não atua e onde forças impulsivas levam o sujeito a agir.

Freud afirma que a pulsão de morte está sempre articulada à pulsão sexual, que a partir de 1920 passa a estar incluída na denominada pulsão de vida ou *Eros*. A pulsão de morte se apresenta silenciosamente, isso quer dizer que ela por si só é imperceptível, e só amalgamada à *Eros* se apresenta. Vale ressaltar que a desfusão

pulsional é sempre relativa, pois as pulsões só atuam juntas. A pulsão de morte na clínica apresenta-se como pura atividade que só pode ser percebida pelos seus efeitos. O sujeito faz sem saber e sem se reconhecer como responsável pelos atos. A compulsão à repetição é movida por forças que fogem ao controle do sujeito.

O *acting out* é um tipo de ato em que o sujeito faz sem saber que o faz obedecendo uma compulsão a repetir. Isso significa dizer que o *acting out* é uma via de expressão de algo que não foi lembrado e portanto é atuado. Mas o analisando tenta dizer algo por meio de uma dramatização; assim o *acting out* não é pura expressão da repetição, ele também possui o valor de um endereçamento. Trata-se de uma mensagem dramatizada para o outro.

Apesar de Freud aproximar o lembrar do atuar (*acting out*), ele não deixa de demarcar que são maneiras diferentes do sujeito de expressar o material recalçado. No limite da rememoração, a atuação surge como recurso de fala. No entanto o sujeito não se dá conta de sua fala dramatizada, o *acting out* comporta um caráter impulsivo que leva o sujeito a agir sem saber que o faz ignorando sua própria vontade. O *acting out* tem valor de informação para o analista que através desse material pode conduzir o sujeito a uma elaboração que sempre passa pela verbalização e pela construção de uma narratividade.

Podemos concluir que os contornos da noção de *acting out* começaram a se formar a partir do conceito de ato falho e conforme Freud evolui na construção de sua teoria, passando pela noção de trauma até o conceito de transferência, foi possível construir a ideia de um ato articulado à linguagem que implica em uma tendência do sujeito a agir sem pensar.